

## I

## A ESCOLA E O PROGRESSO SOCIAL

Temos tendência para encarar a escola segundo uma perspectiva individualista, pondo a tónica na relação entre professor e aluno, ou entre professor e pai. Aquilo que mais nos interessa são, naturalmente, os progressos feitos pela criança individual que conhecemos, o seu desenvolvimento físico normal, a sua evolução no que toca à capacidade de ler, escrever e contar, o aumento dos seus conhecimentos de geografia e história, as suas melhorias em termos de conduta, hábitos de higiene, ordem e zelo — é com base nesses padrões que avaliamos o trabalho da escola. E é justo que assim seja. Todavia, é conveniente que ampliemos o alcance desta perspectiva. Aquilo que o pai mais diligente e sensato deseja para o seu próprio filho, a comunidade deverá desejá-lo para todas as crianças que crescem no seu seio. Qualquer outro ideal para as nossas escolas é limitado e pernicioso; posto em prática, destruirá a nossa democracia. Tudo o que a sociedade alcançou para seu benefício é posto, por intermédio da escola, ao dispor dos seus futuros membros, bem como todas as suas utopias, que ela espera realizar através das novas possibilidades assim abertas ao seu futuro corpo. Aqui, o individualismo e o socialismo estão em harmonia. Só permitindo

o pleno desenvolvimento de todos os indivíduos que a compõem poderá a sociedade eventualmente manter-se fiel à sua razão de ser. E, ao impor a si própria este rumo, nada conta tanto como a escola, pois, como disse Horace Mann: «Onde quer que haja coisas a crescer, um formador vale por mil reformadores.»

Sempre que temos em mente a discussão dum novo movimento educativo, é especialmente necessário que adoptemos o ponto de vista mais amplo, ou social. Doutra forma, as mudanças na instituição e nas tradições escolares serão encaradas como invenções arbitrárias de determinados professores, no pior dos casos modas transitórias e, no melhor, simples melhoramentos de certos pormenores — e é este o plano em que, demasiadas vezes, são colocadas as mudanças na escola. É algo de tão pouco racional como conceber a locomotiva ou o telégrafo como dispositivos ao serviço de um punhado de pessoas. As modificações em curso nos métodos e programas educativos são em igual medida um produto das mudanças na situação social e um esforço para satisfazer as necessidades da nova sociedade que está a formar-se, à imagem do que sucede com as alterações a que assistimos nos campos da indústria e do comércio.

É, pois, para isto que eu chamo especialmente a vossa atenção: o esforço para conceber aquilo que pode ser designado de forma algo simplista como a «Nova Educação», à luz das mutações mais amplas que se verificam na sociedade. Poderemos relacionar esta «Nova Educação» com a marcha geral dos acontecimentos? Se pudermos fazê-lo, ela perderá o seu carácter isolado; deixará de ser um assunto que brota apenas das mentes demasiado fantasistas de pedagogos lidando com determinados alunos. Surgirá como parte integrante da evolução social no seu todo e, pelo menos nos seus traços mais gerais, como algo de inevitável. Indaguemos portanto quais os aspectos principais do movimento social e em seguida viremo-nos para a escola, tentando descobrir que testemunho ela nos dá do esforço para acompanhar essas tendências. E, dado que é impossível abordar

este tema em toda a sua extensão, limitar-me-ei em grande medida neste capítulo a um aspecto típico do movimento da escola moderna — aquilo que costuma ser designado por treino manual — esperando, caso a relação entre essa faceta e as condições sociais em mutação se torne evidente, que estejais prontos a reconhecer que o mesmo sucede no respeitante a outras inovações educativas.

Não me sinto obrigado a abordar em pormenor as mudanças sociais em questão. Aquelas que irei mencionar são tratadas de modo tão genérico que podem ser lidas quase na diagonal. A mudança que primeiro nos ocorre, aquela que ofusca e até condiciona todas as outras, é a revolução industrial — a aplicação prática dos conhecimentos científicos, traduzida nas grandes invenções que têm vindo a utilizar as forças da natureza numa escala tão vasta como pouco dispendiosa: o crescimento dum mercado de dimensões mundiais como objectivo da produção, de vastos centros de manufactura para alimentar esse mercado, de meios de comunicação e distribuição baratos e rápidos entre todas as suas partes. Mesmo se remontarmos aos seus primórdios mais longínquos, este processo não conta muito mais de cem anos; muitos dos seus aspectos mais relevantes foram testemunhados pelas pessoas que ainda hoje vivem. Custa a crer que, em toda a história da humanidade, tenha havido uma revolução tão rápida, tão extensa e tão completa. Em consequência disto, a face da Terra está a ser alterada, mesmo no que toca à sua configuração física; as fronteiras políticas são apagadas e deslocadas, como se realmente não passassem de linhas num mapa de papel; a população concentra-se apressadamente em cidades, vinda dos quatro cantos do Planeta; os hábitos de vida são alterados com uma presteza e profundidade assustadoras; a busca das leis da natureza é infinitamente estimulada e facilitada, e a respectiva aplicação à vida quotidiana torna-se não apenas possível, mas comercialmente indispensável. Até mesmo as nossas ideias e propensões morais e religiosas, que são as mais conservadoras, dado

que mais arreigadas da nossa natureza, acabam por ser profundamente afectadas. Pensar que esta revolução não afectará a educação senão dum modo formal e superficial é inconcebível.

O sistema de produção fabril foi precedido pelo sistema de produção doméstica e comunitária. Aqueles que vivem no presente têm apenas de recuar uma, duas ou, no máximo, três gerações para encontrar uma época em que o lar era praticamente o centro no qual se desenvolviam, ou em volta do qual estavam reunidas todas as formas típicas de ocupação industrial. As roupas que as pessoas usavam eram, na sua maior parte, feitas em casa; em geral, os membros do agregado familiar estavam igualmente familiarizados com a tosquia das ovelhas, a cardação e a fição da lã e o manejo do tear. Em vez de carregarem num botão e inundarem a casa com luz eléctrica, todo o processo de obter iluminação implicava uma sucessão laboriosa de tarefas, desde abater o animal e derreter a gordura até fabricar os pavios e as velas. As provisões de farinha, madeira, mantimentos, materiais de construção, mobílias, até mesmo de objectos de metal, tais como pregos, dobradiças, martelos, etc., eram produzidas na vizinhança imediata dos lares, em oficinas que estavam constantemente abertas à inspecção e funcionavam muitas vezes como centros de congregação da comunidade. O processo industrial estava patente na sua totalidade, desde a produção das matérias-primas na quinta até que os artigos acabados eram postos a uso. Além disso, praticamente todos os membros da família executavam uma dada parcela do trabalho. As crianças, à medida que adquiriam força e destreza, eram gradualmente iniciadas nos mistérios dos diversos processos. Tratava-se de questões que lhes diziam respeito imediata e pessoalmente, implicando da sua parte uma participação efectiva.

Não podemos menosprezar os factores de disciplina e formação do carácter que este estilo de vida fomentava: promoção de hábitos de ordem e trabalho sistemático, bem como da ideia de responsabilidade, da obrigação de fazer algo, de produzir algo

no mundo. Havia sempre alguma coisa que precisava realmente de ser feita e uma necessidade real de que cada um dos membros do agregado familiar executasse a parte que lhe cabia de forma rigorosa e em colaboração com os outros. Personalidades que se tornavam eficazes através da acção eram forjadas e postas à prova em plena acção. Repito: não podemos menosprezar a importância, para fins educacionais, do conhecimento pormenorizado e íntimo da natureza, adquirido graças ao contacto directo com materiais e objectos reais, com os processos efectivos da sua manipulação e com o conhecimento das respectivas necessidades e utilizações sociais. Tudo isto envolvia um exercitar contínuo da observação, do engenho, da imaginação construtiva, do raciocínio lógico e da percepção da realidade adquirida através do contacto directo com os factos. As forças educativas presentes na fiação e na tecelagem domésticas, na serração, no moinho de cereais, na tanoaria e na forja de ferreiro operavam continuamente.

Um conjunto de lições práticas, qualquer que ele seja, preparado com o fito de fornecer informação, nem por sombras poderá servir de substituto ao conhecimento das plantas e animais da quinta e do jardim, adquirido por quem vive realmente no meio deles e deles tem de cuidar. Nenhuma forma de exercício dos órgãos sensoriais na escola, concebido como mero exercício, pode competir sequer com a subtileza e plenitude da vida sensorial que advém da intimidade e interesse diário nas ocupações familiares. A memória verbal pode ser exercitada cumprindo determinadas tarefas e uma certa disciplina das faculdades intelectuais pode ser adquirida estudando lições de ciência e matemática; no entanto, bem vistas as coisas, tudo isto é um pouco vago e obscuro, comparado com o treino da atenção e do raciocínio que se adquire quando se é obrigado a fazer as coisas sob o impulso duma motivação concreta e tendo em vista um resultado igualmente concreto. Hoje em dia, a concentração da indústria e a divisão do trabalho praticamente eliminaram as ocu-